

Posições de humoristas progressistas frente a disputas discursivas no campo humorístico: a entrevista de Paulo Vieira ao *podcast Mano a Mano*¹

Miguel Augustus Guimarães Bento²

Nara Lya Cabral Scabin³

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas

Resumo

Considerando a visibilidade do humor na cultura midiática brasileira, este trabalho busca investigar as disputas narrativas e articulações discursivas em curso, no campo humorístico contemporâneo, em torno do reconhecimento da legitimidade, do ponto de vista ético, político e/ou estético, de práticas, processos e formas do humor midiático. Mais especificamente, destacamos, como foco de atenção, manifestações de comediantes que, frente às disputas discursivas no campo humorístico contemporâneo, assumem posições abertamente progressistas. Como estudo de caso, observamos a trajetória e posicionamentos assumidos pelo humorista brasileiro Paulo Vieira, elegendo, como objeto empírico, a entrevista concedida pelo comediante ao *podcast Mano a Mano*, apresentado por Mano Brown, em maio de 2025.

Palavra-chave: humor; humoristas progressistas; Paulo Vieira; *podcast Mano a Mano*.

Introdução

No Brasil, a produção humorística tem grande presença na cultura midiática, de charges e caricaturas publicadas em jornais impressos a vídeos que atraem centenas de milhares de visualizações em plataformas digitais – além, evidentemente, de personagens e bordões cômicos que conquistaram estrondosa fama em programas de rádio e televisão, assegurando, a seus intérpretes, a possibilidade de permanência nos quadros profissionais de emissoras radiofônicas e/ou televisivas por longos períodos.

Segundo estudo de Elias Thomé Saliba (2002), já na virada do século XIX para o século XX, representações humorísticas ocupavam papel destacado nas narrativas sobre a nação, contribuindo decisivamente para a invenção das imaginações nacionais. Nos primeiros anos da República, a criação de representações cômicas da vida nacional ganharia força sob o olhar de humoristas que, apartados dos círculos literários,

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação, Cultura Digital e Tecnologias, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista de Iniciação Científica FIP – Fundo de Incentivo à Pesquisa da PUC Minas. E-mail: miguel.augustus.g.b@gmail.com.

³ Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: naralyacabral@yahoo.com.br.

transitavam pelo mundo da publicidade, do jornalismo, do teatro de revista e, mais tarde, do disco e do rádio. Embora relegada a posição de esquecimento ou tratada de forma homogeneizante por grande parte da historiografia brasileira, a trajetória desses comediantes do início do século XX confunde-se com a própria história dos meios de comunicação de massa no Brasil (SALIBA, 2002).

A partir da segunda metade do século XX, com a consolidação e popularização dos meios de comunicação audiovisuais, o espaço ocupado pela produção humorística na cultura midiática amplia-se consideravelmente – processo que parece potencializar-se, nos últimos anos, em face das transformações que impactam as formas de produção e consumo midiáticos em um contexto de cultura da convergência (JENKINS, 2009). Tais transformações, materializadas na “proliferação de páginas de humor veiculadas na internet, no grande número de seguidores que estas conquistam e, finalmente, no sucesso que muitos humoristas envolvidos nessas novas formas de produção e linguagem alcançaram” (PIRES, 2014, p, 471), impactam o lugar e o papel atribuídos a comediantes, não raro convertidos em “ícones midiáticos”. Nesse contexto, mudanças na linguagem e formatos humorísticos, incluindo a popularização do *stand-up* e vídeos curtos para internet, contribuíram para ampliar o alcance e a popularidade de humoristas, bem como a diversificação do público consumidor de discursos humorísticos (PIRES, 2014).

Considerando a visibilidade do humor na cultura midiática brasileira e a crescente relevância adquirida por discursos humorísticos no debate público, este trabalho busca investigar as disputas narrativas e articulações discursivas em curso, no campo humorístico contemporâneo, em torno do reconhecimento da legitimidade, do ponto de vista ético, político e/ou estético, de práticas, processos e formas do humor midiático. Mais especificamente, destacamos, como foco de atenção, manifestações de comediantes que, frente às disputas discursivas no campo humorístico contemporâneo, assumem posições abertamente progressistas. Como estudo de caso, observamos a trajetória e posicionamentos assumidos pelo humorista Paulo Vieira, elegendo, como objeto empírico, a entrevista concedida pelo comediante ao *podcast Mano a Mano*, apresentado por Mano Brown, em maio de 2025.

Humor, debate público e relações com o campo político

Segundo Possenti (2018), o campo humorístico se destaca como espaço de potencialização de tensões, conflitos e disputas discursivas transversais à sociedade e ao

debate público midiaticizado, como ocorre em relação às discussões sobre ofensa (MONDAL, 2014) e violência na linguagem (SILVA; ALENCAR, 2013), ao debate sobre a colisão entre liberdade de expressão e outros direitos fundamentais (CAPELOTTI, 2022) e às demandas por reconhecimento que emergem como parte do “imaginário político” contemporâneo (FRASER, 2006). Tais aspectos tornam o campo do humor particularmente relevante do ponto de vista das disputas pelo controle das representações, com destaque para movimentos de contestação de relações de poder que estão na base de modos de representar. Essas “políticas da representação” assumem significados específicos diante da realidade brasileira, “uma vez que o controle sobre o que será representado, como e onde, está imbricado com os mecanismos de reprodução da desigualdade social” (HAMBURGER, 2005, p. 295).

Sob essa perspectiva, é digno de nota o acirramento de disputas discursivas em torno da liberdade de expressão que têm ganhado força, nos últimos anos, na esteira da chamada “virada conservadora”, fenômeno ligado ao fortalecimento de setores conservadores em diversos países, que pode ser descrito nos termos de uma reverberação de discursos que buscam responder ao novo ordenamento social construído em fins do século XX (NORRIS, INGLEHART, 2019). Defendendo a volta de um desenho social anterior, a “virada conservadora” ganha força no início do século XXI, especialmente na década de 2010, vinculando-se a uma percepção, por parte dos grupos dominantes, de perda de hegemonia frente ao avanço das lutas identitárias e dos movimentos em defesa dos direitos das minorias.

Nesse contexto, há evidentes contiguidades e aproximações entre o fazer humorístico e a extrema direita contemporânea, materializadas tanto na recente conformação de uma identidade conservadora no campo humorístico brasileiro, fenômeno que parece aprofundar dinâmicas em curso desde o final dos anos 2000, com o surgimento de comediantes autointitulados “politicamente incorretos”; quanto na frequente mobilização de códigos humorísticos por figuras políticas de extrema direita como estratégia de ambiguidade de sentidos e naturalização de discursos excludentes, intolerantes e odiosos (SCABIN, 2024).

Por outro lado, temos assistido à emergência de um conjunto de humoristas que, de maneira mais ou menos coesa, têm afirmado contraposições em relação a posicionamentos defendidos por humoristas conservadores, aderindo a posições e valores do campo progressista ao posicionarem-se em relação a discussões na esfera política e

disputas e conflitos do campo humorístico. Fenômeno que ainda carece de investigação científica consistente no Brasil, a emergência desses “humoristas progressistas” constitui foco de atenção do presente artigo, que se debruça sobre o caso do comediante brasileiro Paulo Vieira, conforme procedimentos metodológicos descritos na próxima seção.

Procedimentos metodológicos

A fim de compreender como o comediante Paulo Vieira, entendido como humorista progressista, posiciona-se em relação a disputas discursivas em curso, no campo humorístico contemporâneo, em torno do reconhecimento da legitimidade, do ponto de vista ético, político e/ou estético, de práticas, processos e formas do humor midiático, este artigo adota um percurso metodológico estruturado em dois momentos.

Em um primeiro momento, procuramos caracterizar a trajetória de Paulo Vieira no campo humorístico a partir de textos que integram a circulação midiática de manifestações públicas do humorista sobre disputas e conflitos no campo humorístico. Para tanto, realizamos uma busca livre, junto à plataforma Google, utilizando o nome “Paulo Vieira” como palavra-chave, de modo a identificar matérias jornalísticas que repercutiram posicionamentos do comediante em diferentes momentos da sua carreira.

Em um segundo momento, dedicamo-nos à escuta e decupagem da entrevista concedida por Paulo Vieira ao *podcast Mano a Mano*, apresentado pelo *rapper Mano Brown*, em episódio publicado em maio de 2025 na plataforma *Spotify*⁴. A entrevista foi escolhida como foco de análise neste artigo considerando tanto a extensão e profundidade do debate realizado no *podcast*; quanto o fato de a produção, a partir da condução de Mano Brown, reconhecido publicamente por posicionamentos progressistas, apresentar uma perspectiva politizante sobre temas diversos, privilegiando aspectos ligados a questões de raça, classe e território na condução dos debates com os/as entrevistados/as, tendências presentes desde a primeira temporada (LAGO SOUZA; SCABIN, 2023).

Neste segundo momento do percurso metodológico, procuramos identificar as representações, presentes em enunciados do humorista, sobre o campo humorístico, de modo a identificar os argumentos por ele apresentados a respeito de conflitos e disputas discursivas em curso no campo do humor.

⁴ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2mMY8y9ng1Hyjvw8iJVANz>. Acesso em: 25 mai. 2025.

Paulo Vieira: trajetória e posições

Nascido em Goiás, mas criado no estado do Tocantins, Paulo Vieira iniciou sua trajetória artística ainda na infância e, aos 12 anos, estreou sua primeira peça profissional em Palmas. Em 2010, integrou o grupo *Comédia em Pé* e fundou o coletivo *Tô na Comédia*, pioneiro no *stand-up* no estado. Ganhou projeção nacional com prêmios como o Multishow de Humor (2014), além da participação no quadro “Quem Chega Lá?”, do programa *Domingão do Faustão*. Pouco depois, atuou no espetáculo *Torrenegra* (2015-2017) e destacou-se no *Programa do Porchat* (2016). Desde 2019 na TV Globo, participou de programas humorísticos tradicionais na grade da emissora, como *Zorra e Escolinha do Professor Raimundo*. Durante a pandemia, migrou para formatos digitais, como o podcast *Fora de Hora* e o quadro *Cada Um no Seu Quadrado*. Em 2021, assumiu a apresentação do *Rolling Kitchen Brasil* (GNT) e do programa *Avisa Lá Que Eu Vou* (Globoplay). Em 2025, criou a série *Pablo & Luisão*, produzida pelo serviço de *streaming* dos Estúdios Globo a partir de histórias reais da família do humorista.

Para além dessa expressiva trajetória artística, no entanto, a atuação de Paulo Vieira torna-se particularmente singular por seu engajamento político e social, sobretudo no que diz respeito à luta contra o racismo estrutural, à defesa das políticas públicas e à luta pela representatividade racial. Em evento promovido pela conta oficial do então presidente Lula, o “Space dos 30 dias”, Vieira destacou a importância do programa Bolsa Família em sua trajetória pessoal. Segundo ele, a política pública foi determinante para sua sobrevivência e desenvolvimento, garantindo acesso à alimentação, educação e dignidade para ele e sua família⁵.

A posição política de Paulo Vieira é evidenciada por suas ações públicas. Em setembro de 2022, ao chegar para um espetáculo no Espaço Unimed, em São Paulo, vestia uma camiseta com a imagem de Lula, em claro gesto de apoio ao ex-presidente. Durante o período eleitoral, naquele ano, participou da live “Brasil da Esperança”, do Partido dos Trabalhadores, e acompanhou Lula em eventos como o casamento com Janja e aparições públicas⁶. Em diversas ocasiões, declarou que prefere perder oportunidades comerciais a se omitir politicamente, afirmando que “prefere perder uma publi, mas ter investimento

⁵ Disponível em: <https://lula.com.br/humorista-paulo-vieira-fala-sobre-bolsa-familia-no-space-dos-30-dias-no-twitter-de-lula/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

⁶ Disponível em: https://ofuxico.com.br/politica/paulo-vieira-chega-com-camiseta-de-lula-para-show-em-sp/?utm_. Acesso em: 08 jun. 2025.

em saúde e educação”⁷. Em tom contundente, declarou ainda sua oposição ao governo de Jair Bolsonaro, descrevendo-o como “um governo que nos destruiu por quatro anos”⁸.

Além do ativismo político, Paulo Vieira discute abertamente as dores e desafios da população negra brasileira. Em entrevista concedida ao *podcast Mano a Mano*, apresentado por Mano Brown, em maio de 2025, afirmou que “ninguém sai da miséria ileso”, defendendo a importância da terapia para homens negros e o direito à vulnerabilidade. Ressaltou que o homem negro, mesmo diante do sofrimento, é pressionado a manter-se funcional, afirmando: “tá lenhado, tá caindo, mas precisa continuar andando”.

Em diversas entrevistas, o humorista tem afirmado que a representatividade é apenas um dos elementos na luta contra o racismo. Ele critica, por exemplo, a ideia de que “a favela venceu” ao se referir a histórias de superação individual, como a sua. Para ele, o avanço coletivo se dá por meio de políticas públicas que alcançam toda a comunidade. Em suas palavras: “Porque eu venci, a favela não venceu. A favela vence quando o cobrador vence, quando a mãe solo preta vence, e para que essas pessoas vençam, precisamos de uma série de políticas públicas”⁹.

Paulo Vieira também denuncia as dificuldades enfrentadas por influenciadores negros nas redes sociais, apontando que o racismo estrutural opera mesmo diante de conteúdos qualificados. Segundo ele, “não é uma questão de melhor equipamento, melhor edição, é questão de racismo estrutural mesmo. Não adianta você ser o melhor sendo você o que é, que é negro”¹⁰.

Como este breve panorama evidencia, Paulo Vieira articula sua trajetória artística ao engajamento político, utilizando o humor como instrumento de crítica social, denúncia e resistência. Sua atuação pública contribui para ampliar o debate sobre desigualdade, identidade, racismo e o papel da cultura como agente transformador – mostrando que o humor também é uma forma potente de fazer política.

⁷ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2022/09/live-do-lula-viemos-aqui-para-destruir-esse-governo-diz-ator-paulo-vieira-sobre-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 08 jun. 2025.

⁸ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2022/09/live-do-lula-viemos-aqui-para-destruir-esse-governo-diz-ator-paulo-vieira-sobre-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 08 jun. 2025.

⁹ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2022/09/live-do-lula-viemos-aqui-para-destruir-esse-governo-diz-ator-paulo-vieira-sobre-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 08 jun. 2025.

¹⁰ Disponível em: <https://propmark.com.br/paulo-vieira-por-que-pessoas-negras-nao-interessam-tanto-quanto-pessoas-brancas/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

Percepções e avaliações em torno do humor: entrevista ao *podcast Mano a Mano*

No episódio do *podcast Mano a Mano* com Paulo Vieira, o humorista, ator e roteirista compartilhou aspectos íntimos de sua trajetória pessoal e profissional, discutindo humor, política, identidade racial e liberdade de expressão. Conduzido por Mano Brown, o episódio funciona como um mergulho reflexivo nas contradições e potências de ser um homem negro e artista num país marcado pelo racismo estrutural. A conversa se desdobra em torno de experiências que atravessam tanto o cenário da comédia brasileira quanto as lutas sociais e existenciais de sujeitos historicamente marginalizados.

Em dado momento, Paulo Vieira afirma que sua formação em Jornalismo foi um marco essencial para o humor que produz. Ao ingressar na faculdade, ele não só adquiriu ferramentas teóricas como os aportes da análise do discurso, mas também compreendeu o peso político de seu corpo negro e pobre. Na entrevista concedida a Mano Brown, ele afirmou: “Eu entendi que sabia o que dizer e precisava me posicionar”, reforçando que seu conteúdo artístico está diretamente conectado à consciência de classe e raça que desenvolveu nesse período (49’45’’). O humorista também revelou que, desde jovem, procurava estudar tudo o que estivesse ao seu alcance, fazendo cursos de teatro em Palmas com a meta de “ser feliz depois dos 30”. Ele reconhecia que, vindo de onde veio, seria preciso estar preparado para quando (e se) a oportunidade surgisse.

A discussão avança para o papel do humor na sociedade. Paulo defende que o humor é, sim, uma forma de política. Ele afirma que não encontrou outra maneira de fazer humor que não fosse abordando as desigualdades sociais e raciais (29’19’’), reforçando a ideia de que “o humorista sabe bem o papel do humor como forma de política” (31’40’’). Para ele, líderes mundiais usam o humor como linguagem de aproximação com o povo (45’28’’), o que, no Brasil, evidencia-se ainda mais: “O brasileiro não gosta de líder que não tem humor”. A fala evidencia como a comunicação humorada não é apenas entretenimento, mas uma ponte entre poder, povo e uma arma política.

Sobre a liberdade de expressão, Paulo Vieira se posiciona em defesa desse princípio, mas com limites: “A liberdade vai até onde a lei determina” (19’03’’). Para ele, não há margem para o racismo, a misoginia ou outras violências serem tratadas como piada: “Isso é crime”. Essa postura dialoga com sua recusa em romantizar a pobreza. Embora reconheça que veio de uma realidade dura, evita reforçar estereótipos em roteiros, preferindo tratar suas origens como raiz, não como piada.

Paulo Vieira e Mano Brown também mergulham nas implicações do racismo estrutural, discutindo como o homem negro é muitas vezes visto apenas como funcional. Ambos desmistificam essa narrativa ao compartilharem medos comuns: o receio de “voltar para o lugar de onde vieram” e a constante desconfiança em relação ao próprio sucesso (63’52’’). Concluem que essa insegurança vem do fato de estarem em espaços que “não foram feitos para eles”, onde pessoas negras e pobres são exceção (68’56’’). Em outro momento (86’18’’), Paulo Vieira diz que a maior agressão que pode sofrer é alguém dizer que ele “não é negro”. Segundo ele, “de todas as inseguranças que eu tenho, a negritude é o único lugar que eu tenho pra morar. Se eu não for negro, eu não sou nada”.

O humorista também aborda sua espiritualidade como um ponto central de sua vida. Religioso de matriz africana, ele relata que, por influência da bisavó, sempre soube que um dia precisaria assumir sua ancestralidade religiosa diante da família. Ele encontrou essa reconexão em uma casa de candomblé e afirma, com firmeza: “Onde eu sou mais feliz é na minha religião” (95’02’’).

A falar sobre produção cultural, Paulo Vieira exalta a importância de iniciativas públicas que descentralizam o acesso à arte, como os Pontos de Cultura criados por Gilberto Gil durante sua gestão no Ministério da Cultura (11’15’’). Ele reconhece o impacto dessa política pública na formação de artistas como ele, que cresceram longe dos grandes centros culturais. Nesse contexto, relembra como começou sua carreira na comédia *stand-up* no Tocantins, criando uma cena local e atraindo outros humoristas. A visibilidade o levou a participar do festival *Risadaria*, tendo ficado em segundo lugar (15’54’’) e iniciando sua trajetória em São Paulo.

Em tom crítico, Paulo Vieira comenta sobre a percepção de que o *stand-up* brasileiro tem forte inclinação ao conservadorismo. Segundo ele, isso se dá porque a maioria dos comediantes vem de contextos privilegiados: “São brancos, playboys, com sobrenomes importantes” (21’06’’). Isso influencia diretamente a visão de mundo expressa nas piadas desses comediantes conservadores.

Sobre sua presença na Rede Globo (23’01’’), Paulo Vieira defende que a emissora tem se posicionado firmemente a favor da democracia. Para ele, mais do que um viés político institucional, o que determina a linha de pensamento dos programas são os próprios criadores: “É sobre o que cada criador está fazendo ou pensando”.

Com uma carreira marcada por consciência racial e política, o humorista também relata como convenceu a Globo de que sua linguagem mais popular, e também mais viral,

é lucrativa para a emissora (31'40''). Ao mesmo tempo, afirma que busca, com sua presença na televisão, “mudar o imaginário sobre o que um homem negro pode ser no Brasil” (32'38''). O programa *Avisa lá que eu vou* seria exemplo disso. Nele, Paulo Vieira evita estereotipar o povo brasileiro, preferindo encontrar poesia no cotidiano e na diversidade das pessoas reais (36'07''). Para ele, trata-se de “se apaixonar pelo Brasil”, principalmente aquele rural e do interior, quase sempre fora do foco da grande mídia.

Considerações finais

A partir da conversa entre Mano Brown e Paulo Vieira no *podcast Mano a Mano*, é possível compreender como o humor pode ser uma ferramenta potente de comunicação política, afirmação identitária e transformação social.

A trajetória de Paulo Vieira, marcada por sua consciência racial, religiosa e de classe, mostra que o riso, em suas mãos, não é alienação, mas estratégia. Ao recusar o humor conservador, preconceituoso e caricato, ele busca construir uma carreira que rompe estereótipos e procura valorizar a diversidade cultural, apontando os limites éticos do humor diante de crimes como o racismo.

Afirmando-se como um humorista progressista, a atuação de Paula Vieira evidencia que a presença de corpos negros em espaços de destaque é, por si só, um gesto político, e que ocupar esses lugares sem abrir mão da própria história é uma forma de resistência e inspiração.

Referências

CAPELOTTI, João Paulo. **O humor e os limites da liberdade de expressão: teoria e jurisprudência**. São Paulo: Dialética, 2022.

FRASER, Nancy. “Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era pós-socialista”. Trad. Julio Assis Simões. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 231-239, 2006.

HAMBURGER, E. “Políticas da representação: ficção e documentário em Ônibus 174”. In: LABAKI, A.; MOURÃO, M. D. (Orgs.) *O cinema do real*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 196-215.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LAGO SOUZA, J. A.; SCABIN, N. L. C. Vozes periféricas em diálogo: política e utopia no podcast Mano a Mano. **Culturas Midiáticas**, v. 20, p. 116–137, 2023.

MONDAL, Anshuman. **Islam and controversy**. The politics of free speech after Rushdie. Nova York: Palgrave Mcmillan, 2014.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. **Cultural Backlash**: Trump, Brexit and authoritarian populism. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

PIRES, Maria da C. F. Derrisão e ironia cínica no humor contemporâneo: os limites entre o politicamente incorreto e o incorretamente político. **História**, v. 33, n. 2, p. 470-488, jul./dez. 2014.

POSSENTI, Sírío. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2018.

SALIBA, Elias T. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira – da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCABIN, Nara Lya Cabral. Humor e conservadorismo: contiguidades e aproximações entre o fazer humorístico e a extrema direita. **Insólita**, v. 4, n. 2, p. 28-44, 2024.

SILVA, Daniel do Nascimento; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. A propósito da violência na linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 55, n. 2, p. 129-146, 2013.